



ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROBLEMÁTICA

Élvis Christian Madureira Ramos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Resumo: O ensino de Geografia ainda que considerado de importância vital na aprendizagem escolar das crianças como se demonstra nos novos documentos curriculares nacionais, implica o reconhecimento de uma problemática com diversos desdobramentos. A começar, por se questionar a transferência simples de conteúdos e métodos de outros ciclos do ensino de geografia para os Anos Iniciais da Educação Básica. O que se desdobra em outras discussões, como da formação docente, de uma estrutura curricular definida e apoio institucional que ampare esse ensino. Diante disso, este trabalho busca desdobrar esse quadro essencial para a compreensão da inserção de uma educação geográfica concernente à aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Ensino; Aprendizagens; Alfabetização geográfica; Educação Básica dos Anos Iniciais.

Introdução

Quando pensamos em ensino de geografia e seu contexto, acaba sendo comum deixar de fora dele, um vasto ciclo da educação que implica desafios próprios, que abrangem o currículo, o método de ensino e a própria formação docente. No caso, a discussão de referência aqui é para o ensino de geografia na segunda etapa da Educação Básica (Anos Iniciais) vista na perspectiva de uma alfabetização geográfica.

É uma discussão que se desdobra em duas frentes. A primeira que trata do papel do ensino de geografia nos anos iniciais da vida escolar das crianças. A segunda está atrelada para a prática deste ensino, que envolve o desenvolvimento de propostas, metodologias e aprendizagens básicas e essenciais específicos para essa fase da vida escolar.

Em termos curriculares, as primeiras aprendizagens nas séries iniciais giram fortemente em torno de diversas alfabetizações, como da língua portuguesa, matemática e científica. Essa centralidade é indiscutível, dado a importância em se criar condições básicas para o



desenvolvimento intelectual, sensório-motor, comunicativo e relacional das crianças. A jusante disso, perguntamos: deve existir também uma alfabetização para o entendimento do espaço geográfico?

A resposta positiva para isso resulta do fato básico que qualquer criança se insere no mundo a partir de uma presença espacial, bem mais que uma localização geográfica. A criança se torna ativa, ao desenvolver suas capacidades motoras e intelectuais na interação com lugares e na multivisão do mundo.

Isso foi reafirmado, ainda que de forma prescritiva, com o documento da BNCC (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p.367) que justamente destacou diversas unidades temáticas e habilidades que giram em torno da relação sujeito e suas interações com o mundo e na relação com outras alfabetizações:

Tendo por referência esses conhecimentos das próprias crianças, o estudo da Geografia no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, em articulação com os saberes de outros componentes curriculares e áreas de conhecimento, concorre para o processo de alfabetização e letramento e para o desenvolvimento de diferentes raciocínios.

Apesar de ainda incipiente, cresce a importância da discussão sobre uma maior revalorização do ensino de geografia nos primeiros anos do ensino fundamental. Aderente a isso, emergem diversas questões, tais como: sobre a atual situação deste ensino nos ambientes formais escolares; como se dão a formação docente para este ensino, bem como, a indagação sobre como atuam (se é que atuam) as estruturas e ações que no nível das gestões educacionais amparam esse ensino nas escolas.

Além disso, as questões sobre a natureza em si do que seria uma alfabetização geográfica, que abarcam tópicos sobre os tipos de saberes e propostas de situações de aprendizagens voltadas as crianças.

Ao longo deste trabalho, alguns argumentos são enunciados em defesa de uma alfabetização geográfica mais substancial voltada aos anos iniciais. Contudo, o núcleo principal deste trabalho está em elaborar inicialmente um quadro das questões que envolvem o ensino de geografia numa zona de interface interdisciplinar. Acredito, que sem este quadro,



perde-se atenção para os fatores essenciais no desenvolvimento de propostas para esse ensino e para o sucesso de uma alfabetização geográfica.

A centralidade do ensino de Geografia nas escolas

As aulas de geografia com as crianças precisam ser reconsideradas como de importância vital na aprendizagem escolar das crianças. De início, essa afirmação nos obriga a pensar em que se deposita sua validade. Algo que não se resolve simplesmente dizendo frases soltas e altissonantes como: “geografia estuda o mundo e as crianças estão no mundo”. Em realidade, as disciplinas que contemplam a esfera curricular escolar, são parte de uma cultura e ao mesmo tempo de políticas educacionais de Estado. A escola e seu currículo é a base de uma entidade sociocultural que é uma das colunas daquilo que chamamos de nossa civilização.

A geografia está inserida na escola desde a segunda metade do século XIX, quando ela surge como uma política de Estado, tendo em vista, o processo de unificação da Alemanha e da necessidade de unir numa ideia de nação e territórios os fragmentados e beligerantes estados alemães. A geografia como ciência emerge da necessidade de criar uma disciplina para a escola, formar professores e criar um sentido de nação.

É interessante que nos períodos de recrudescimento dos nacionalismos, a geografia e a história tem suas proeminências escolares inflacionadas, pois o conteúdo que as corporificam disciplinarmente tratam da formação dos povos, recordam o que somos enquanto povo e território.

A despeito do uso do ensino de geografia para fins geopolíticos ou territoriais, a ciência geográfica foi muito além deste inicial enquadramento político. Os avanços em termos de conhecimento da Terra, tanto pela geografia como de suas irmãs, como a geologia, geofísica, climatologia, meteorologia não apenas descortinaram uma imensa palheta de novos conhecimentos sobre o planeta, como são parte dos avanços técnico-científicos, que se relacionam direta e indiretamente com as formas de usar, habitar, controlar e usar o espaço geográfico.

De forma tradicional a moldura do ensino de geografia era o de espelhar esses conhecimentos nos livros didáticos e estabelecer um currículo com base numa fórmula comum,



como de apresentar os estudos da geografia física e humana numa sequência de temas bem-organizados disciplinarmente.

Em realidade, ainda permanece essa fórmula. Mas ela veio a concorrer com outra posição, que emergiu desde os anos de 1990 estribada em uma geografia crítica, e sobretudo, numa perspectiva construtivista ou sociointeracionista, que mais que informar o aluno de uma geografia dada, porém estava voltada em criar situações de aprendizagens direcionadas para o desenvolvimento cognitivo, ativo e participativo do aluno (CASTROGIOVANNI, 2000).

Em traços muito amplos, atualmente, a educação científica de um ensino de geografia se mescla com a busca de metodologias que não se reduzem a transferência de conhecimento ou um saber técnico, mas na perspectiva freireana de possibilitar que o aluno também desenvolva autonomia em ler o mundo e saber agir nele (CALLAI, 2011).

Outro aspecto que o ensino de geografia incorpora é a responsabilidade em gerar aprendizagens e convivências na e pelas diferenças culturas, étnicas, étnicas, raciais. Em outras palavras, ensinar a viver em um mundo de sociodiversidade. Como destacou Cavalcanti (2005, p.67) o desafio da mediação do professor de geografia está em considerar também a escola como um lugar de "encontro de culturas".

Eis que chegamos aqui em um ponto importante, que é o extenso escopo de atribuições de um ensino de geografia na escola. Com o dever de estar atinado com os avanços tecnocientíficos-informacionais (SANTOS, 2006) e em desenvolver saberes e vivências em meio ao múltiplo. Agora, com base nestes conhecimentos geográficos e experiências espaciais que justificam sua transposição como um saber escolar, como pensar em um ensino de geografia para os Anos Iniciais da Educação Básica?

A discussão do ensino de geografia na educação básica

De pronto, a preocupação do ensino de geografia nas séries iniciais começou nos anos de 1980 (VLACH, 1996; MARQUES, 2009), contudo, como apontava Straforini (2002) o que mais se apontou era para com a insuficiente ênfase desta modalidade de ensino. Tanto em decorrência de poucos trabalhos voltados ao tratamento em si destas aprendizagens, como de



um diagnóstico preciso do seu desenvolvimento prático nos ambientes escolares da Educação Básica.

Apesar de atualmente encontrarmos mais trabalhos sobre o tema, a discussão em termos qualitativos e quantitativos ainda permanece aquém do que deveria ser o estado da arte. O fato da ausência de uma discussão sistemática e contextual quanto aos rumos do ensino de geografia, nos primeiros anos da vida escolar, em realidade se explica pelo próprio contexto mais global da geografia escolar, que justamente começou a receber tardiamente maiores considerações pedagógicas e epistêmicas.

Foi nos anos de 1980 que emergiram mais pesquisa em torno do ensino de geografia, sobretudo, com os eventos periódicos “Fala Professor” pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, que reunia diversos pesquisadores e trabalhos em torno das questões levantadas pela geografia escolar. Além disso, houve forte empenho de diversos pesquisadores de ensino de geografia com a alfabetização cartográfica, considerando os processos cognitivos e da sua aprendizagem (SIMIELLI, 1990; PASSINI, 1994; LE SANN, 1997) o que trouxe discussões mais embasadas em termos teóricos e práticos sobre o ensino de geografia.

A discussão tanto pedagógica quanto estrutural em torno do ensino de geografia nos Anos Iniciais apareceu muito fragmentada e dispersa. E ainda não adquiriu um patamar de debate que faça jus quanto a importância e o tamanho da demanda que esse ensino atenda ou deva atender. Pois estamos fazendo referência para um enorme contingente de crianças e professores envolvidos com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além de ser uma discussão que não deva ser marginal, ela implica um rol de questões intrínsecas e extrínsecas ao seu ensino, que precisam ser consideradas num quadro contextual.

A começar das questões extrínsecas, que assim o denomino, pois logram aqueles aspectos que contribuem decisivamente para as condições de efetivação deste ensino. De início, é certo que existe ensino de geografia nos anos iniciais, mas como ele está sendo desenvolvido? Quais problemas são enfrentados pelos professores encarregados destas aprendizagens? Como está inserido no currículo o componente geográfico nas escolas?



Essas são apenas algumas perguntas mais gerais, mas que considero fatores decisivos para se entender em que pé estamos ou qual a distância estamos de um nível mais elevado no tratamento do ensino de geografia para as crianças no ambiente escolar formal.

Dentro destes fatores extrínsecos, paira a questão diagnóstica e avaliativa sobre a formação do professor de geografia. Há uma dubiedade central neste tema, que está entre quem deve ou está mais preparado para desenvolver as práticas de ensino com as crianças dos anos iniciais. Professores de geografia formado nas licenciaturas de geografia ou os professores com características multidisciplinares e formados em grande parte nos cursos de pedagogia?

A natureza dessa questão passa por diversos aspectos curriculares e saberes que contemplam ou deveriam contemplar a formação de ambos os profissionais, tendo em vista os anos iniciais. Entre eles, como equacionar na formação destes professores um ensino dedicado ao saber geográfico nos primeiros anos da Educação Básica e ao mesmo tempo um entendimento com certa profundidade quanto os processos de desenvolvimentos corporal, sensorial e cognitivo das crianças.

Logo de saída, trago minha experiência de mais de duas décadas de magistério tanto na Educação Básica como o Ensino Superior. Tanto no âmbito com professores de pedagogia, sob a disciplina das metodologias e conteúdos curriculares de geografia para a Educação Infantil e dos Anos Iniciais como na formação de professores de geografia, o que se mantém, apesar dos esforços, é um desnível entre essas formações.

De um lado, professores de geografia formados nas licenciaturas que pouco ou nada conhecem do ambiente educativo dos primeiros ciclos da Educação Básica. Uma formação alijada do conhecimento teórico e prático em relação à aprendizagem de geografia para as crianças.

De outro lado, professores de pedagogia, que precisam não apenas saber conteúdos de geografia, mas pensar o espaço geográfico. Porém têm a imensa carga de compreender também outras disciplinas e ao mesmo tempo atingir certo nível de excelência nelas. São requisitados destes professores uma formação multidisciplinar em que além de se exigir domínios em diversas áreas da educação, também a capacidade de organizar essa multidisciplinaridade no âmbito didático-pedagógico de sala de aula.



Outro problema é quem atua nas suas formações? Não há garantia de que vão desenvolver uma compreensão da geografia escolar a partir de professores nativos da própria ciência geográfica. Isso, pensando que esses professores estejam preparados para desenvolver métodos e saberes em torno de uma alfabetização geográfica. O que parece acontecer com certa frequência, são professores de outras ciências humanas que são encarregados de desempenhar esse papel, como historiadores, sociólogos e até professores de pedagogia que nunca tiveram contato com a geografia como ciência.

De resto, mesmo supondo que sejam regularmente ofertadas a disciplina de fundamentos e metodologia do ensino de geografia nos cursos de pedagogia, a quem deveria estar a cargo este ensino de formação? Quais seriam as estratégias, conteúdos e metodologias deste ensino e o que diferem das licenciaturas em geografia?

No que implica a metodologia de ensino de geografia, minha experiência mostra que a formação do professor de pedagogia não se reduz as estratégias de um ensino científico da geografia. Com efeito, inclui uma virada de posicionamento diante de sua abordagem. Isso porque, uma grande dificuldade é o de desvincular a crença nestes futuros professores, de que a geografia é apenas uma simples coleção de informações.

Uma formação para o ensino de geografia em pedagogia impõe desenvolver com eles metodologias que levem em conta aspectos sensoriais e corporais da criança. Em geral, aprendizagens com uma geografia diferente do que tiveram na escola. Precisam relacionar os saberes geográficos sob múltiplas linguagens e estratégias (lúdica, imagética, musical, cinestésica etc.).

Outro ponto essencial é como esse ensino se realiza regularmente nas escolas de Anos Iniciais. Através de alguns relatos de professoras das séries iniciais, Marques (2009) exemplificou que mesmo quando era presente o ensino de geografia, acabava sendo espremido entre outras alfabetizações tidas como prioritárias.

É difícil ainda dizer, na ausência de pesquisas empíricas, se a questão é mesmo de prioridade no âmbito de planos de ensino, ou talvez, seja da falta de um delineamento mais claro sobre o papel do ensino de geografia e de uma estrutura que de o devido suporte aos professores.



Destaco neste sentido, a opacidade que o ensino de geografia para os primeiros ciclos da Educação Básica tem nas próprias políticas educacionais. Além do quase inexistente amparo, como cursos, materiais didáticos e oficinas pedagógicas voltadas a este ensino nas unidades e diretorias de ensino no território nacional.

O que tudo parece é que o ensino de geografia dos primeiros anos da Educação Básica esteja a realizar um voo de longo percurso às cegas, que embora aconteça sob os esforços de inúmeros professores, pouco sabemos sobre os erros e acertos em torno de suas práticas e resultado nas aprendizagens.

Alfabetização geográfica

Afora a lista das questões que denominei de extrínsecas acerca do ensino de geografia nos Anos Iniciais, existem as intrínsecas. Vou assim denominá-las para destacar os processos e situações de aprendizagem que se incorporam em uma alfabetização geográfica na relação aluno-professor. Afinal, não se pode criar situações de aprendizagens para esta etapa de desenvolvimento infantil simplesmente transferindo os conteúdos e métodos dos Anos Finais para os Anos Iniciais.

Uma das diferenças entre o ensino de geografia entre estes ciclos de desenvolvimento e aprendizagem é que enquanto os primeiros focam no processo em que o letramento é essencial os últimos esse processo já está adiantado e maduro. Justamente nessa diferença inicial que já se destaca a necessidade de uma metodologia diferente e adequada a este estágio de desenvolvimento.

Isso não quer dizer que o ensino de geografia para as crianças não seja parte do alfabetização e letramento. Até porque, o letramento não se reduz aos códigos escritos por si mesmos ou como se ler e escrever fossem processos insulados da realidade. Mas, incluem e se estendem aos elementos básicos que fazem parte do mundo dos sujeitos sociais e são parte de uma formação para o mundo (FREIRE 1989; BIOMBO, 2012).

Neste sentido, uma alfabetização geográfica adquire um caminho mais formativo e menos funcional, uma vez que não se trata de apenas uma transposição didática que converte um conhecimento geográfico em um saber epistêmico para as crianças, mas que também é parte



de seu desenvolvimento sensorial, motor e intelectual com e para o mundo. É aquilo que Vygotski (1996) atribuiu como estar inserido numa situação social de desenvolvimento, em que criança se relaciona com seu entorno sociocultural, condição inicial e irrepetível para a trajetória da sua formação (PASQUALINI, 2009).

Neste norte, o papel do ensino de geografia nas primeiras experiências escolares da criança tanto relaciona conteúdos próprios como precisa trabalhar a situação socioespacial das crianças, que possam começar a entender e mapear seu mundo.

O que significa dizer que não basta um currículo de saberes geográficos adaptados como uma disciplina fragmentada, mas o de formular uma visão de alfabetização geográfica que junto com outras disciplinas visam uma totalidade formativa, cujas interfaces possam sugerir situações de aprendizagens multifacetadas e em trânsito com o mundo em que se insere e faz sentido para as crianças.

No trabalho de Marques (2005) cujo foco está no que seria um ensino para as crianças em idade escolar na educação básica, se destaca o desenvolvimento da habilidade de decodificar outros signos, além do alfabético, como o visual, o artístico e o espacial. O que predispõe para necessidade de uma alfabetização geográfica capaz de enriquecer as outras alfabetizações. Por sua vez, Almeida et al (2020) destaca alguns relatos de professores dos anos iniciais que vinculam o ensino de geografia com a corporeidade da criança e seu entorno espacial.

Tendo em vista apenas esses trabalhos, já temos a ideia de que se deve atentar para a indissociabilidade do processo de desenvolvimento da criança de seu entorno físico e social. Outra ideia é que pensar uma alfabetização geográfica é ir além de uma visão fragmentada ou monodisciplinar da realidade.

O tratamento de uma alfabetização geográfica reforça o argumento de se ampliar as discussões em torno desse tema, que não apenas no âmbito da geografia, mas com outras disciplinas envolvidas com o processo didático-pedagógico dos Anos Iniciais. Essa interface, acredito, ser essencial, pois envolve a necessidade de uma compreensão maior do que representa e como se concretiza na prática ensinar geografia para as crianças, tendo em consideração tanto os aspectos intrínsecos como os extrínsecos.



Isso não quer dizer, que se está perdendo a singularidade do ensino de geografia, mas dotando-o de uma capacidade de dialogar com outras disciplinas. Mas, então, qual seria a contribuição da geografia no desenvolvimento de uma alfabetização geográfica (PEREIRA, 1995)? Por exemplo, em Marques (2009) a alfabetização geográfica se estriba nos princípios o de localizar, conectar relações, estabelecer escalas, mapear a distribuição, delimitação de espaços (territórios). Essas operações lógicas trabalham em torno de subcategorias do espaço (lugar, território, paisagem, escala) e são elas que dão forma aos saberes geográficos.

Acredito que este ângulo mais epistêmico de ensino de geografia, que podemos resumir como a necessidade da criança aprender a raciocinar o espaço, seja sem dúvida, parte do processo de alfabetização geográfica. Uma transposição da ciência geográfica de modo a reconhecer o mundo da criança sob diferentes linguagens (corporal, visual, gráfica, sonora etc.), ao mesmo tempo que se ajusta as suas potencialidades sensoriais e cognitivas.

Por outro lado, há uma dimensão importante do ensino de geografia, que diz respeito para o ângulo fenomênico. Uma geografia corporal, relacionada ao ver, sentir e vivenciar o espaço. Essa dimensão é inescapável quando aceitamos uma aprendizagem no e para o mundo.

O universo da criança é epistêmico no sentido de descobrir, explorar e representar o espaço, mas é também nas experiências subjetivas da criança, nas suas noções de sentimento, afetividade, convívio com o outro. Bem como, tudo que se realiza com ela e a sua volta em termos da sua psicosfera espacial, isto é, as impressões, regras, condutas, comportamentos que que constituem o uso e produções do espaço (casa, escola, rua, cidade).

Considerações finais

Destacou-se neste trabalho a importância do ensino de geografia nos Anos Iniciais, porém considerando não apenas seu papel pedagógico como o quadro das implicações intrínsecas e extrínsecas da sua constituição nas primeiras etapas da Educação Básica.

As implicações extrínsecas equivalem aos fatores que cercam o desenvolvimento do ensino de geografia nos Anos Iniciais, como a estrutura de apoio institucional, a formação e capacitação docente para este ensino, o reconhecimento das necessidades materiais para sua plena efetivação didático-pedagógica.



Por sua vez, as implicações intrínsecas se revelam na própria natureza daquilo que seja ideal e necessário em termos de uma alfabetização geográfica em consonância com o desenvolvimento das crianças e não uma simples transferência de conteúdos e metodologias.

Referências

ALMEIDA, V. A. *et al.* Ensino de geografia: a contribuição dos professores dos anos iniciais para alfabetização geográfica. In: ANTUNES, A. F. (org.). **Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas**. Ponta Grossa: Atena, 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BIONDO, F. P. As diferentes versões de uma história única: a polêmica a respeito do livro didático Por uma vida melhor e os estudos do (s) letramento (s). **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 51, n. 1, p. 245-260, jan. /jun., 2012

CALLAI, H. C. O conhecimento geográfico e a formação do professor de Geografia. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2598>.

CASTROGIOVANNI, A. C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, L. S. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (org.) **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LE SANN, J. G. Mapa um instrumento para apreender o mundo. **Revista Geografia & Ensino**, Belo Horizonte, v.6, n.1, p 25-31, mar. 1997.

MARQUES, V. M. **Alfabetização geográfica: ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PASSINI, E. Y. **Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1994.



PASQUALINI, J. C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia em Estudo**, n. 14 (1), Mar, 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIMIELLI, M.E. R. O uso de plantas e mapas na escola de 1o grau: ênfase para as séries iniciais: In: **O ensino da Cidade de São Paulo**, São Paulo, AGB, 1990. p. 27-40.

VYGOTSKI, L.S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1996. (Vol. 4)